

O impacto do aumento da longevidade na perspectiva do jovem sobre o envelhecimento

The impact of increased longevity from the perspective of young people on aging.

João Pedro Donaton¹
Rodney de Souza Moreira²
Joicimar Cristina Cozza³

RESUMO

O presente artigo discute o quanto o aumento da expectativa de vida tem impactado nas relações humanas, nos aspectos sociais, na qualidade de vida e nas políticas públicas. Esse crescimento populacional no Brasil aconteceu de forma rápida. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) há cerca de 10 milhões de pessoas na população brasileira com idade superior a 65 anos, no ano de 2020, o Brasil terá a sexta população mundial de idoso, mediante o aumento do número de longevos. Assim discute-se sobre a percepção dos jovens frente a longevidade e os cuidados perante o envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecer, longevidade, qualidade de vida e representação social da velhice.

Abstract

This article discusses how much the increase in life expectancy has impacted on relationships, social aspects, quality of life and public policies. Thus, this population growth in Brazil has been happening rapidly. According to data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), there are about 10 million people in the Brazilian population over the age of 65 and by the year 2020, Brazil will have the sixth world population in numbers of the elderly, in the number of long-lived, there is a debate about the perception of young people regarding longevity and self-care in the face of aging.

Key words: Aging, longevity, quality of life and social representation of old age.

Introdução

O presente projeto discute o quanto o aumento da expectativa de vida, no Brasil, observados nos estudos, a partir dos anos 2000, tem impactado nas relações dos aspectos sociais, da saúde, da economia e da política.

A partir de 1970 ocorreram mudanças no perfil demográfico no Brasil, isso gerou transformações desde a sociedade rural com altos índices de morte na infância, até a sociedade urbana, com novas estruturas nas famílias brasileiras (MIRANDA *et al*, 2016). Predomina-se uma população jovem e se observa, atualmente, a extensão da longevidade com aumento do número de pessoas na idade de 60 anos ou mais (MIRANDA *et al*, 2016). Esse crescimento vem acontecendo de

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Católico Salesiano *Auxilium* - Araçatuba

² Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Católico Salesiano *Auxilium* - Araçatuba

³ Psicóloga, Mestre em Medicina Preventiva, Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Católico Salesiano *Auxilium* - Araçatuba

forma muito rápida. Nos últimos dezessete anos pesquisados, encontra-se uma vasta gama de estudos tratando sobre a qualidade de vida, porém, observa-se escassez de trabalhos relacionando ao tema do aumento da longevidade (SIQUEIRA *et al.* 2002). Afirmam ainda os autores que o processo de envelhecimento populacional repercutiu e ainda continua repercutindo nas diferentes esferas da estrutura social, econômica e política (MIRANDA *et al.*, 2016).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o envelhecimento populacional é um fenômeno relativamente novo em todo mundo. Conforme dados do Censo Demográfico, há cerca de 10 milhões de pessoas na população brasileira com idade superior a 65 anos e, no ano de 2020, o Brasil terá a sexta população mundial em números de idosos. Em 1991, foram recenseados 13.865 centenários no Brasil e, em 2000, 24.576, representando um aumento de 77% em nove anos. O crescimento do número de centenários continuará acelerado nas próximas décadas; estima-se que em 2050 existam 160.000 pessoas com 100 anos, ou mais, no país, o que representará uma população, aproximadamente, sete vezes maior do que aquela recenseada em 2000, segundo os dados do IBGE.

Os grupos, historicamente, demonstram a imagem do idoso como a de alguém que tinha muito a contribuir nas variadas formas de organização social, tendo seu lugar de respeito na sociedade e na família, promovendo a dominação de determinados grupos sobre outros (BOURDIEU, 1999). A esse idoso cabia a função de construir a história e o passado dos familiares, elementos fundamentais para transmissão das memórias e das lembranças vividas pelas famílias.

Doravante, décadas depois, o idoso foi reduzido ao ser sem voz e sem opinião relevável, com ideais ultrapassadas. Isso gerou concepções negativas acerca do envelhecer, segundo LODOVICI, 2006; *apud* CAMPEDELLI, 2009: 16. Diante da escassez de estudos que comportem a questão do aumento da longevidade como fator de impacto na relação com a qualidade de vida, percebeu-se a necessidade dessa pesquisa

No presente estudo, pretende-se construir uma discussão histórica e social conectando o envelhecer, a longevidade, a qualidade de vida e a representação social, diante o aumento da expectativa de vida no Brasil e do processo do envelhecer.

Diante do exposto o objetivo desse estudo foi mostrar como o jovem percebe o processo do envelhecer e, de que forma essa percepção interfere no cuidado de si. Afim de constatar, por meio da narrativa, a percepção dos jovens frente à expectativa do aumento da longevidade e do envelhecimento.

Método

No presente estudo houve revisão de literatura utilizando artigos científicos e clínicos extraídos de bancos e bases de dados – BIREME, Google Acadêmico. Também foram acessadas as bases dos dados do IBGE para levantamento das causas da longevidade e durabilidade da vida. Buscou-se por meio do estudo teórico do assunto compreender o processo de envelhecimento, de políticas públicas, de qualidade de vida, de longevidade e geração, e de representação social da velhice, utilizando como fonte de pesquisa 20 artigos sendo que apenas 12 foram utilizados de acordo com os critérios de exclusão. Sendo que oito deles não correspondiam ao assunto abordado.

O estudo foi realizado em uma universidade do interior de São Paulo situada na região da alta noroeste, na qual foi aplicada uma entrevista semiestruturada junto aos jovens universitários, de 18 a 29 anos, regularmente matriculados nos cursos de Psicologia, Biomedicina, Engenharia Civil e Direito. Essa escolha deu-se pela decisão de incorporar as quatro grandes áreas das ciências: Humanas, Biológicas e Exatas, incluídas nos cursos do Centro Universitário.

A pesquisa teve como perspectiva um olhar social e histórico, tendo em vista que essa teoria se baseia na concepção de homem nas suas interações. Dessa forma, considera-se que o desenvolvimento humano se dá por meio das relações sociais e, portanto, considera os repertórios construídos pelo indivíduo no decorrer de sua vida. Sendo assim, essas relações e reorganizações são como um sistema comportamental que tem grande significância para os seres humanos, segundo SCHAFFER, 1984 *apud* ARANHA, 1993.

Considerou-se como critérios de inclusão, Jovens de 18 a 29 anos, regularmente matriculados em qualquer termo dos cursos de Psicologia, Biomedicina, Engenharia Civil e Direito da universidade, sem restrição de gênero, cor, raça ou crenças.

Participaram da pesquisa um total de 40 jovens. O método utilizado para a definição da amostragem foi o de saturação, na medida em que o discurso começou a se repetir nas respostas dos participantes, fechou-se a amostra.

Glaser; Strauss (1967), originalmente conceituaram saturação teórica como sendo a constatação do momento de interromper a captação de informações, obtidas junto a uma pessoa ou grupo, pertinentes à discussão de uma determinada categoria dentro de uma investigação qualitativa.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa deve-se entender que, para Minayo (2001), esse tipo de estudo pressupõe um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Como se vê na avaliação qualitativa, esse método proporciona uma melhor exploração da subjetividade com o intuito de conhecimento. Não produzindo generalizações, mas analisando o fenômeno investigado a partir do contexto psicossocial.

A pergunta problema que norteou a análise dos pesquisadores acerca das narrativas através do questionário foi: como o jovem percebe o processo do envelhecer e, de que forma essa percepção interfere no cuidado de si?

Discussão: Políticas públicas e processo de envelhecimento

Diante do crescimento da população de idosos observa-se a necessidade de políticas públicas que atendam às demandas, visto como um desafio de todos os países tanto os desenvolvidos, quanto naqueles em desenvolvimento (SILVA; MEDEIROS; BRITO; 2006).

De acordo com Oliveira (2014), as políticas públicas parecem não se construir a partir de uma proposta que faça diálogos entre si. Observa-se que os setores como educação, transporte, trabalho, habitação e saúde, que deveriam estar em conjunto, para promover qualidade de vida para população idosa, gerando um envelhecimento ativo, produzem-se isoladamente. Assim, cada setor se organiza sem que haja comunicação entre seus equipamentos sociais. Por isso, a rede de atendimento não se estabelece, muitas vezes, empobrecendo um conjunto de serviços que poderia ser extremamente valioso ao atendimento dessa população (PEDRO, 2013).

Doravante as políticas públicas podem contribuir para qualidade de vida dos idosos, mas se faz necessário repensar as formas que essas poderão ser utilizadas para as demandas advindas do processo de envelhecimento (OLIVEIRA, 2014). Já o Brasil não se programou apropriadamente para acolher às primícias da população idosa, pois o envelhecimento é abordado como um problema, não uma conquista, olhando para os idosos como fardo para a família, para o estado e sociedade (SILVA; MEDEIROS; BRITO; 2006).

Afirma Siqueira et al. (2002, *apud* SILVA; MEDEIROS; BRITO; 2006), que o desenvolvimento do envelhecimento populacional, reproduziu e continua reproduzindo, nas diferentes áreas da estrutura social, política da sociedade e econômica, não levando em consideração que os idosos têm necessidades específicas.

Conforme Uchôa *et al* (2002, *apud* (SILVA; MEDEIROS; BRITO; 2006), na região de Bambuí, percebeu-se que as pessoas tinham um olhar negativo diante da velhice, um olhar generalizado ao processo do envelhecimento. A velhice e o envelhecer são tratados de forma diferenciada por meios de expressões sociais, familiares, cuidadores e profissionais da saúde. Compreender essas expressões são relevantes para saber como os idosos que estão enfrentando essa fase se veem no processo de envelhecimento (SILVA; MEDEIROS; BRITO; 2006).

Conceituar a velhice não é fácil, é importante saber como os idosos estão inseridos diante do desenvolvimento referente a construção social, pois muitas vezes a velhice é compreendida como esfacelamento natural das estruturas orgânicas, passando por mudanças no decorrer do tempo permanecendo os procedimentos degenerativo (CALDAS, 2002).

Para UCHÔA (2002) as vivências ao envelhecer sofrem modificações de uma pessoa para outra, também ocorrendo modificações em gerações e na sociedade. Dessa forma, o envelhecimento sofre várias mudanças diferentes de um grupo social para outro, a partir das representações de mundo pelas crenças, práticas, costumes, culturas e valores (HECK; LANGDON, 2002 *apud et al* SILVA; MEDEIROS; BRITO; 2006).

Longevidade e Geração

Alcançar a longevidade tem sido uma busca frequente da população; independente da presença de doenças, o aumento de idosos é notável (WILLIG, 2015). A finalidade dos estudos que envolvem a longevidade é a compreensão dos processos de saúde e bem-estar, haja vista que o envelhecimento precisa ser entendido como a última fase do processo de desenvolvimento humano. O idoso mais idoso, como qualquer pessoa em desenvolvimento, é desafiado a conservar e a restaurar sua vida de forma significativa e produtiva (WILLIG, 2015).

A passagem do tempo implica déficits contínuos e cumulativos, para os quais há o constante desafio de aprender novos conteúdos e de contrabalançar possíveis perdas, valorizando e reforçando aquilo que se mantém ou desenvolve. As histórias de vida relatadas revelam que a longevidade é fruto das condições de vida no passado e das perspectivas de viver bem no presente e no futuro (WILLIG, 2015).

Tais possibilidades se confirmam nas estruturas processuais encontradas nas trajetórias dos longevos, pelo trabalho que sempre realizaram, no modo de agir, no exercício da pluralidade por meio da participação e da convivência, intrínsecas à condição humana (WILLIG, 2015). Além disso, a cultura familiar representa o elo entre o passado e o presente, na construção da longevidade no curso da vida (WILLIG, 2015).

Em conformidade com Mannheim (1952 *apud et al* FEIXA; LECCARDI, 2010), sobre as gerações, utilizou-se as bases sociais e existenciais a partir de uma compreensão do processo histórico social. Mannheim manteve atenção sobre as gerações, utilizando o método analítico profícuo em relação às mudanças sociais. O mesmo autor acrescenta que o que dá estrutura a uma geração, não é uma data de nascimento específica como uma demarcação, mas sim o contexto histórico que os jovens participam em suas contemporaneidades. O laço geracional sugere dois componentes: a presença de eventos que separam o seguimento histórico e diferencial do antes e depois na vida coletiva e as experiências vivenciadas por pessoas de um grupo etário em sua conjuntura construtiva do processo da socialização.

Representação

Importante levar em consideração os processos relacionados ao envelhecimento atuando em contextos cognitivos individuais e intergrupais,

necessitando saber como a população age diante de uma relação, com as outras relações. Há algumas diferenças entre os grupos de diferentes faixas etárias, ocorrendo assim mudanças de pensamento com o passar da idade, o que antes era visto como a fonte de sabedoria vivências da vida, hoje, é deixada de lado devido suas limitações diante da idade, essa fase passa a ser marcada por sentimentos de inferioridade e desgosto (COLES,1996).

O mesmo autor, observou que ocorreram várias manifestações diante do envelhecimento, entre elas destacam-se cinco: a primeira, uma descrição defensora de que o envelhecimento é a incapacidade para fugir da morte e, diante disso, o ser humano busca explicações simplistas sem indagar o envelhecimento; a segunda definição refere-se ao envelhecimento sendo um período de vida que passa por anos e finaliza na morte; a terceira, na visão de Coles (1996) está relacionada à origem do envelhecimento originada na Grécia antiga quando era entendida como uma doença decorrente de uma instabilidade representada por quatro humores, sendo biliar amarela, biliar negra, sangue e catarro; a quarta, Coles (1996) se baseou em Claude Bernard e James Fries, apontando o envelhecimento, como um processo biológico natural causador de deformações no funcionamento do organismo, responsável pela perda da capacidade adaptativa ao ambiente, ocasionada por estresse e doenças crônicas; na quinta, o autor utiliza os conteúdos da teoria evolucionista de Michael Rose, compreendendo o envelhecimento como um grau de desordem de um sistema que interfere no mecanismo homeostático do ser humano, e uma geração passa a viver diante da herança genética.

De acordo com ROSENBERG (1992), a velhice é definida como o desempenho de tarefas profissionais e familiares como já estivessem sido cumpridas em partes, sendo assim o indivíduo passa ter mais liberdade para poder realizar seus desejos.

Diante do processo que se caracteriza como velhice e suas peculiaridades, pode-se compreender, através das diferenças entre os aspectos biológicos, psicológicos, cronológicos e sociais, que as interações se remetem à cultura que o indivíduo convive. Várias outras situações históricas, econômicas, geográficas e culturais colaboram para as mudanças na velhice ou no idoso. Há uma percepção e uma opinião de velhice presente em cada sociedade e um comportamento frente às pessoas que estão envelhecendo (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Conforme Neri; Freire (2000, *apud et al* SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008), o envelhecimento está ligado a degradação do corpo, e a declinação e a inutilidade. Perante rejeição ou exaltação sobre a depreciação da velhice, encontra-se uma forte ligação entre esse acontecimento diante da doença, da morte, do afastamento, da dependência, sobre o ciclo vital (NERI; FREIRE, 2000 *apud et al* SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Nota-se que a velhice passa a ser tratada como uma fase da vida qualificada pela ausência de papéis sociais e pela decadência física. Com o progresso da idade dar-se-ia como um método contínuo de perdas e de dependência, que forneceria ao idoso uma similaridade de falta de condições deixando um conjunto de imagens negativas relacionadas à velhice (DEBERT, 1999 *apud* SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, o envelhecimento populacional é um acontecimento relativamente novo em todo mundo. Há cerca de 10 milhões de pessoas na população brasileira com idade superior a 65 anos e, no ano de 2020, o Brasil terá a sexta população mundial em números de idosos. Sendo que nas próximas décadas de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o crescimento do número de centenários continuará acelerado. Estima-se que com esse crescimento o Brasil em 2050 terá um índice de 160.000 pessoas com 100 anos ou mais, representando uma população sete vezes maior do que aquela recenseada em 2000. Diante do exposto, tem-se articulado inúmeros indecisões acerca de como é percebido o envelhecimento humano da a sociedade atual (VELOZ; NASCIMENTO-SCHULZE; CAMARGO; 1999).

Ao analisar a percepção dos jovens perante as respostas do questionário realizado, observou-se que as situações que envolviam as percepções de inutilidade física, intelectual e emocional foram citadas nos quatro cursos analisados. Assim, quando se trata de pensar sobre o que é o envelhecer, os jovens, em sua maioria, reportam-se a aspectos negativos sobre envelhecimento. Nesse sentido, a partir desse relato o ser humano não consegue administrar sua velhice e não tem certeza se é isso que busca, embora sempre associe a velhice à doença, decorrente à dor, dependência, fragilidade deixando o indivíduo com o sentimento de solidão durante esse período de vida .

[...] Envelhecer é você ter limitações e não conseguir mais fazer coisas que você fazia[...].(Biomedicina)

A percepção diante do envelhecer não é mais citada como um meio de conhecimento, e sim, apontada como uma fase da vida em que as limitações estão acima de qualquer conquista apontada entre os jovens entrevistados. Há algumas diferenças entre os grupos de diversas faixas etárias, ocorrendo assim mudanças de pensamento com o passar da idade. O que antes era visto como a fonte de sabedoria das vivências da vida, hoje é deixado de lado devido suas limitações diante da idade, essa fase passa a ser marcada por sentimentos de inferioridade e desgosto COLES (1996).

[...] Chegar a uma idade que não posso mais fazer o que gosto, quando fico incapaz[...]. (Engenharia Civil)

[...] É ficar impossibilitada de fazer certas coisas que quando mais jovem você fazia naturalmente[...]. (Psicologia)

Percebe-se mediante os relatos, a visão negativa que os jovens atribuem ao envelhecimento, como um processo biológico natural causador de transformações do organismo e perda da capacidade adaptativa. Sendo que as representações sociais são concebidas pelas relações e comunicações perante aos grupos sociais, ruminando a circunstância dos indivíduos com relação a assuntos do seu cotidiano (VELOZ; NASCIMENTO-SCHULZE; CAMARGO; 1999).

Diante de uma realidade que julga ser correta, mesmo não tendo conhecimento concreto, procura-se rotular, generalizar a representação do envelhecimento, dessa forma, a sociedade, em uma visão simplista o associa à perda da incapacidade e do aparecimento das doenças. Diante dessas informações, observa-se que, ao analisar as falas dos jovens, nota-se que a visão sobre o envelhecimento é representada por um modelo de limitações de a uma sociedade, que não percebe que o envelhecimento possui muitas reservas a serem exploradas, de ganhos despercebidos diante do ciclo da vida, atualmente, desvalorizados. De acordo com VELOZ; NASCIMENTO-SCHULZE; CAMARGO (1999) se o ponto de vista perante as representações sociais sobre o envelhecimento permanecerem fortalecidos com um olhar sobre a noção de declínio, isso acarretará consequências negativas para a velhice, e para a sociedade.

Longevidade e Geração

Nota-se a importância de explorar o aumento da longevidade por intermédio do envelhecimento da população, analisando a visão que o jovem faz a uma determinada fase da idade. De acordo com CARVALHO; GARCIA (2003), a longevidade relaciona-se ao número de anos vividos por um determinado indivíduo ou ao número de anos que uma determinada geração viverá.

Afirma MERCER (2017), que a idade de uma pessoa é um preceito que não imperiosamente representa a forma como ela lida com a vida, muito menos sua situação perante a saúde ou inserção social. Além do mais, refere-se a uma percepção que pode estar propriamente ligada ao estigma e estereótipo do envelhecimento, uma vez que representa a forma de serventia sobre um indivíduo perante a sociedade a qual somente considera o indivíduo relacionando-o à sua capacidade e atividade são produtivas (MERCER, 2017). O que se pode constatar nas falas a seguir sobre a questão da longevidade é a visão de envelhecimento sobre a perceptiva do jovem que passa a considerar-se velho a partir de 60 anos de idade, quando começa a ter prioridades, mas com comprometimento da saúde física, intelectual, social e emocional no seu envelhecimento.

[...] 60 anos idade que em que tem prioridades em atendimentos por serem idosas e que o corpo vai se comprometendo[...] (Direito)

[...] 60 anos. Os resultado de exames clínicos começam a ser alterados[...] (Engenharia Civil)

Diante dos questionários interpretados, aos 60 anos de idade, o sujeito, para os jovens, já passa a ser nomeado como idoso, tendo suas prioridades referentes à idade, apontando para um corpo comprometido o qual, na percepção do jovem, começa a sofrer alterações devido à idade. Para Mannheim, (1952 *apud et al* FEIXA; LECCARDI, 2010), o que dá estrutura a uma geração não é uma data de nascimento específica, mas o contexto histórico. Diante dos relatos dos participantes notou-se que a longevidade não é considerada positiva, pois as gerações acreditam que quanto mais anos o ser humano viver, mais complicações terá com a saúde.

De acordo com MERCER (2017), a saúde mental dos idosos, associada à saúde física, correspondente pelo progresso na área da saúde, um ambiente social receptivo, retrata a chance de ressignificação da velhice. Não apenas da forma como ela é observada pela sociedade, mas na própria maneira de vivenciar esta fase da vida.

Afirma MERCER (2017) que essa nova visão permite que o envelhecimento passe a ser uma fase almejada, não exclusivamente temida, pontualmente pelas possibilidades que se indicam aos longevos, mas que a concepção do envelhecimento perante a visão dos jovens, passa ser positiva também. Já que o corpo passa por um processo de mudança, essa poderá ser alterada de acordo com a longevidade, permitindo que as próximas gerações olhem para o envelhecimento como um estágio propício para novas conquistas, já que nesse período o idoso adquiriu experiências no decorrer da sua vida, e que, conforme MERCER (2017), indicaria uma sociedade experiente madura que dispõe de tempo para realização dos seus próprios interesses.

Percepção do jovem sobre a qualidade de vida

Com a consciência do envelhecimento populacional e o aumento da longevidade, a qualidade de vida ganhou relevância nos últimos anos. A Organização Mundial de Saúde, OMS, definiu qualidade de vida como a percepção do indivíduo quanto à sua posição na vida no contexto social, cultural e sistema de valores em que vive, levando em consideração metas, expectativas, padrões e preocupações.

Por meio das respostas dos jovens entrevistados, percebeu-se que mesmo tendo um olhar negativo sobre o envelhecimento, seus relatos demonstram preocupações com o bem-estar físico, emocional e social.

[...] Um controle emocional, boa alimentação, vida ativa [...] (Engenharia Civil)

O termo qualidade de vida deixou de estar afiliado a inexistência de doença, passando a necessitar da relação entre indivíduo e meio, ambos em modificações constantes (FLECK *et al*, 1999 *apud* OLIVERA; RABELO; QUEROZ; 2012).

[...] Sim, com certeza, procuro não ficar nervoso, comer alimentos saudáveis e aproveitar a vida em vez de reclamar [...] (Direito)

Um estilo de vida entende-se pela escolha dos alimentos e das atividades ocupacionais, sociais e físicas que influenciam a capacidade de evitar doenças. Foi notável o pensamento voltado ao comportamento que influencie boa saúde de alguma forma, sendo assim, suas percepções sobre a velhice passam ter uma visão

mais positiva quando se trata da adesão de hábitos saudáveis moldando o envelhecimento com qualidade de vida.

[...] Sim, procuro ter hábitos saudáveis, cuidar da minha saúde mental e procuro fazer tudo o que gosto [...] (Biomedicina)

Conclusão

O desenvolvimento desse trabalho contou com alguns entraves, o mais significativo foi a dificuldade de encontrar materiais para sua elaboração. Foi realizada uma pesquisa baseada em estudo qualitativo de perguntas semiestruturadas. A partir da análise, foi possível perceber que a percepção do jovem sobre o envelhecimento é negativa, pois acredita apenas nas perdas do desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, o que leva a associação do idoso à ideia de inutilidade.

Envelhecer bem é uma questão pragmática de valores individuais que devem permanecer o curso da vida, incluindo as condições próximas da morte. A adoção de atitudes e atividades que elevem a qualidade de vida aparenta garantir um envelhecimento saudável. Mesmo que os jovens participantes não tenham demonstrado, em seus relatos, preocupação com a saúde e com o envelhecimento, foi observado que o objetivo de todos é ter bem-estar nessa fase da vida, com um envelhecimento saudável, produtivo, ativo e bem-sucedido.

Os relatos mostraram que uma boa velhice está associada ao equilíbrio, à qualidade de vida que corteja a autoestima e o bem estar social, isso favorece uma extensa gama de aspectos, como: interação social, atividade intelectual, suporte familiar, capacidade funcional, estado emocional, estado de saúde, éticos e religiosos, nível socioeconômico emprego e estilo de vida saudável. Para tal necessidade é necessário políticas públicas que viabilizem a autonomia do idosos.

A pesquisa mostrou que a visão do jovem, sobre a longevidade é fruto das perspectivas de se viver bem no presente e no futuro. As interpretações dos relatos dos jovens permitiram ampliar a visão do curso de vida, em paralelo com sua atuação no presente. Acredita-se que a qualidade de vida presente contribuirá para uma expectativa de vida melhor desmistificando que envelhecimento é algo catastrófico. Isso ajudará o jovem a projetar uma visão sobre o envelhecimento

relacionanda à conquistas, experiências e aprendizados adquiridos, com qualidade de vida física e emocional.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Salete Fábio. **A interação social e o desenvolvimento humano**. Temas psicol. Ribeirão Preto, v. 1, n. 3, p. 19-28, dez. 1993. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 16 mar. 2018.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Edit. Perspectiva AS, 1999.

CALDAS, C.P. **O idoso em processo de demência: o impacto na família**. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. P.51-71.

CARVALHO, José Alberto Magno de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.19, n. 3, p. 725-733, June 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300005&lng=en&nrm=iso>.access on 20 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300005>.

CAMPEDELLI, M.A. **A identidade do velho no mundo contemporâneo**. São Paulo. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

COLES, L. S. Theories of aging: the fable of the blind men touching the elephant. <http://home.esrthlink.net/~scoles/>, 1996.

DA SILVA JARDIM, V. C. F; DE MEDEIROS, B. F; DE BRITO, A. M. **Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice**. Revista brasileira de geriatria e gerontologia, v. 9, n. 2, p. 25-34, 2006.

DE OLIVEIRA, A. D et al. **A intersectorialidade nas políticas públicas para o envelhecimento no Brasil**. Revista Kairós: Gerontologia, v. 17, n. 2, p. 91-103, 2014.

DOS SANTOS, G. A. **Os conceitos de saúde e doença na representação social da velhice**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 1, n. 1, p. 1-12, 2002.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. Soc. estado., Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, Aug. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200003>. MINAYO, M. C. S. (Org). Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001, p.80.

GLASER, B.G; STRAUSS.A.L. **The Discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine de Gruyter; 1967.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2000. Metodologia do Censo Demográfico 2000. IBGE: 2002b.

MERCER, Noélly Cristina Harrison. *Envelhecimento E Longevidade Produtiva Sob a Perspectiva Da Psicologia Social Comunitária: Reflexões a Partir De Duas Indústrias De Curitiba – PR*. Universidade Tuiuti do Parana, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. Petropolis: Vozes, 2001, p.80.

MIRANDA, G.M.D; MENDES, A.C.G; SILVA, A. L. A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. Rev. bras. geriatr. gerontol., Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 507-519, Jan 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809_98232016_0003_00507&script=sci_arttext&lng=pt#B1>. Acesso em 06 dez 2017.

OLIVEIRA, Lourine Severo; RABELO, Dóris Firmino; QUEROZ, Nelma Caires. Estilo de vida, senso de controle e qualidade de vida: um estudo com a população idosa de Patos de Minas-MG. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 416-430, ago. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 out. 2018.

PEDRO, W.J.A. (2013, set.). Reflexões sobre a promoção do Envelhecimento Ativo. Revista Kairós Gerontologia, 16(3), 09-32. ISSN 1516-2567. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUCSP. URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairós/article/view/18506/13699>.

ROSENBERG, R. Envelhecimento e morte. In M. J. Kóvacs (Ed.), Morte e desenvolvimento humano (pp. 69-89). São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 1992.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v.25, n.4, p.585-593, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X_200800400013&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>.

SIQUEIRA, R. L; Botelho M.IV; Coelho F.M.G. Velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. Ciência Saúde Coletiva 2002; 7(4): 899-906.

UCHÔA, E; Firmo J.O.A, Lima-Costa M.F.F. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. P.25-35.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.12, n.2, p.479-501,1999.Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-7972_1999_00020_0015&lng=en&nrm=iso>.access on 20 OctN . 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000200015>.

WILLIG, M. H; LENARDT, M. H; CALDAS, C. P. **A longevidade segundo histórias de vida de idosos longevos.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 68, n. 4, p. 697-704, 2015.

YOKOYAMA*, Cláudia Emi; CARVALHO*, Renata Soares de; VIZZOTTO**, Marília Martins. Qualidade de vida na velhice segundo a percepção de idosos freqüentadores de um centro de referência. *Psicol inf.*, São Paulo , v. 10, n. 10, p. 57-82, dez. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092006000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 out. 2018.